



# RUA ALMISA ROSA: ART DÉCO SERTANEJO NAS FACHADAS DO SÉCULO XX (NOVA PALMEIRA-PB)

*RUA ALMISA ROSA: SERTANEJO ART DECO ON THE FACADES OF THE 20TH CENTURY (NOVA PALMEIRA-PB)*  
*RUA ALMISA ROSA: ART DECO DE SERTANEJO EN LAS FACHADAS DEL SIGLO XX (NOVA PALMEIRA-PB)*

**SOUZA JÚNIOR, XISTO SERAFIM DE SANTANA DE**

*Doutor em geografia (UNESP). Professor colaborador do PPGH-UFCG na linha I cultura e cidades. E-mail: [xisto.serafim@professor.ufcg.edu.br](mailto:xisto.serafim@professor.ufcg.edu.br)*

**ARAÚJO, TICIANE SOUSA DE**

*Mestranda em história pela Universidade Federal de Campina Grande-PB. E-mail: [ticiane2606@gmail.com](mailto:ticiane2606@gmail.com)*

## RESUMO

O presente texto tem por finalidade investigar a presença de elementos do art déco sertanejo, de acordo com Lia Rossi (1984), de bens imóveis estabelecidos na Rua Almisa Rosa, na cidade de Nova Palmeira. Interessa-se, pois, alcançar, por via da identificação e análise das fachadas, os símbolos, as formas e os elementos que caracterizam alguns imóveis da citada rua e a maneira como estiveram imbricados na formação urbana local. Para isso, as fotografias, capturadas em diferentes ângulos, será um instrumento necessário de leitura, avaliação e salvaguarda dessas construções, além de problematizar os limites e a urgência de um plano de valorização do patrimônio histórico material. Em termos metodológicos, o texto caminhará pela pesquisa qualitativa, mediante a revisão bibliográfica e documental, estabelecendo pontes de referências conceituais e teóricas, respectivamente, entre história e arquitetura, a partir de Rossi (1984), Da Matta (1997), Rolnik (2004), Choay (2006), e outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** art déco Sertanejo; fachadas; cidade de Nova Palmeira; patrimônio histórico material.

## ABSTRACT

The purpose of this text is to analyze the presence of elements of country art deco, according to Lia Rossi (1984), in real estate established on Rua Almisa Rosa, in the city of Nova Palmeira. We are therefore interested in achieving, through the identification and analysis of the facades, the symbols, shapes and elements that characterize some properties on the aforementioned street and the way in which they were intertwined in the local urban formation. To this end, photographs, captured from different angles, will be a necessary instrument for reading, evaluating and safeguarding these constructions, in addition to problematizing the limits and urgency of a plan to enhance material historical heritage. In methodological terms, the text will walk through qualitative research, through bibliographic and documentary review, establishing bridges of conceptual and theoretical references, respectively, between history and architecture, based on Rossi (1984), Da Matta (1997), Rolnik (2004), Choay (2006), and others.

**KEYWORDS:** Sertanejo art deco; facades; city of Nova Palmeira; material historical heritage.

## RESUMEN

El objetivo de este texto es analizar la presencia de elementos del art déco country, según Lia Rossi (1984), en inmuebles establecidos en la Rua Almisa Rosa, en la ciudad de Nova Palmeira. Nos interesa por tanto lograr, a través de la identificación y análisis de las fachadas, los símbolos, formas y elementos que caracterizan algunos inmuebles de la citada calle y la forma en que se entrelazaron en la formación urbana local. Para ello, las fotografías, captadas desde diferentes ángulos, serán un instrumento necesario para leer, valorar y salvaguardar estas construcciones, además de problematizar los límites y la urgencia de un plan de puesta en valor del patrimonio histórico material. En términos metodológicos, el texto caminará por una investigación cualitativa, a través de la revisión bibliográfica y documental, estableciendo puentes de referentes conceptuales y teóricos, respectivamente, entre historia y arquitectura, basándose en Rossi (1984), Da Matta (1997), Rolnik (2004), Choay (2006) y otros.

**PALABRAS CLAVE:** Sertanejo art déco; fachadas; ciudad de Nova Palmeira; patrimonio histórico material.

## INTRODUÇÃO

Na crônica intitulada *A arte de ser feliz*, a escritora Cecília Meireles, disse certa vez: “Houve um tempo em que minha janela se abria sobre uma cidade que parecia ser feita de giz”. Essa escrita contorna a geografia sentimental em quem viveu a cidade de Nova Palmeira como a primeira experiência de lugar e de convivência em sociedade. Uma cidade que parecia, no século passado, ser feita de giz não pela capacidade de ser apagada facilmente da memória, mas por ter seus principais traços idealizados pelos seus habitantes e construída a partir da necessidade de sobrevivência, em contato com outras localidades e suas múltiplas influências.

As ruas, apenas muito tempo depois, ganharam reconhecimento de ruas, com seu alinhamento, melhorias na infraestrutura, presença de arborização e adição dos nomes. Nova Palmeira nem sempre foi cidade. Para os antigos moradores, e durante anos, ela não passava de um pequeno arruado, com pouquíssimos sistemas de organização e serviços. Mesmo assim, era a principal referência de lugar, de vida compartilhada, de práticas cotidianas realizadas por pessoas.

As casas e os estabelecimentos comerciais, elementos que interessam ser estudados aqui, compõem uma paisagem construída no espaço urbano, posto que para viver em um lugar seja preciso criar condições de abrigo. Os anos se passaram, e a incipiente e discreta aglomeração de casas do século passado foi tomando proporções maiores, com mais construções e funcionalidades até chegar aos dias atuais.

Em síntese, neste texto, haverá a escolha de algumas fachadas localizadas na Rua Almisa Rosa, com o objetivo de identificar o estilo decorativo predominante, dando ênfase ao *art déco sertanejo*, termo cunhado por Lia Rossi (1986), além de analisar as principais transformações ocorridas ao longo dos anos. Vale salientar que a intenção principal não será realizar um estudo específico sobre arquitetura ou história da arquitetura no recorte espacial em questão, mas permitir a construção de diálogos entre a história, a arquitetura e a necessidade clara da intervenção de uma política de preservação dos bens materiais que recontam a história urbana da cidade.

Para isso, serão apresentadas fotografias de momentos passados e atuais, com a intenção de exemplificar e, algumas vezes, comparar, estabelecendo conexões informativas e interpretativas para fundamentar as principais discussões. Os critérios de escolha obedecem ao interesse de apontar as melhores condições de conservação e os detalhes. Por outro lado, também serão observados os pontos modificados, identificando os tipos de intervenções humanas e as suas intencionalidades, sem levar em consideração valores quantitativos, pois não há uma padronização no estilo. O foco está nos símbolos, nas formas e nos elementos, fazendo exercícios avaliativos e analíticos sem priorizar técnicas da arquitetura. A intenção maior é notar a historicidade dessas fachadas.

Por fim, o texto estará dividido em quatro partes, a saber: “A cidade, a rua e a casa como extensões do morar”, destinada a situar espacialmente o recorte, conceituar e problematizar dimensões que envolvem as divisões sociais impostas entre a casa e a rua, com a intenção de preparar o(a) leitor(a) para os próximos diálogos; Depois, em “A arte decorativa (Art Déco) no cotidiano sertanejo de cidade pequena”, os conceitos de cidade pequena, art déco e art déco sertanejo serão apresentados de forma rápida e didática, mas suficiente para alcançar a compreensão dos objetivos de identificação e análise dos elementos decorativos e a historicidade dos lugares.

Em continuação, no ponto intitulado “As casas e a rua: platibandas da Almisa Rosa”, as fotografias comporão um mural de registros de intervenções artísticas e culturais de uma época, além de marcar o estilo da vida social no início do século XX, considerando as mudanças e continuidades do tempo e da história local. Por último, “Patrimônio, história local e políticas de preservação das fachadas”, será guia de apontamentos acerca das condutas administrativas e populares sobre as demolições e/ou mudanças na fisionomia dos prédios. Neste ponto, torna-se urgente falar sobre políticas de preservação, reconhecimento do patrimônio urbano e valorização da história local.

## A CIDADE, A RUA E A CASA COMO EXTENSÕES DO MORAR

Imagem 1- Localização do município de Nova Palmeira-PB



Fonte: Google maps. Acesso em 11 nov. 2024.

Com o auxílio da tecnologia, é possível, hoje, acessar imagens aéreas e de localização territorial em tempo real, tornando perceptíveis as marcações geográficas, pontos de referência gastronômica, serviços assistenciais, moradias e endereços<sup>1</sup>, como apontados na imagem 1.

A cidade se constitui por uma série de signos e significados que fazem sentido aos seus habitantes e compõem um quadro de identidade e sentimento de pertença para grupos de pessoas que ali residem ou residiram em algum momento. Assim, “O desenho das ruas e das casas, das praças e dos tempos, além de contar a experiência daqueles que os construíram, denotam o seu mundo.” (ROLNIK, 2004, p. 14).

A partir desta compreensão, as ruas formam a cidade, conferindo estrutura, direção e dimensão a um espaço real e, ao mesmo tempo, simbólico, pelas intensas, variadas e complexas experiências e vivências cotidianas de seus cidadãos e as relações tecidas em torno desta. Assim, as casas compõem as margens da rua e agregam nesta os limites entre o público e o privado. A cidade, a rua e a casa são extensões de seus moradores. Logo, este conjunto torna-se estrutura e abstração para quem o pratica e o observa.

A apresentação da imagem 1 faz sentido a partir do momento que se pretende alcançar uma intenção discursiva nos campos e redes de relações intersociais e históricas presentes na cidade, representada pelo mapa, estabelecendo um recorte de espaço e tempo como condição imposta pela operação.

Mesmo que o objetivo da análise não seja um estudo arquitetônico e urbanístico das casas e da rua, interessa observar como as pessoas do lugar construíram ou recriaram estilos arquitetônicos a partir de referências vindas de outros locais e épocas, incorporando às fachadas das casas e/ou pontos comerciais estilos de artes decorativas em construções vernaculares numa região afastadas dos grandes centros urbanos, adotando características simples e tipicamente sertanejas.

É importante destacar que, inspirada em formas geométricas, o *art déco sertanejo* foi construído sem o uso do aço, bronze ou a presença de prédios “arranha céus” nas cidades pequenas do país. Ademais, “Em contraste com o Art Déco europeu e americano, no Art Déco Sertanejo não há mármore nem metais. O único grande luxo é a generosa profusão criativa de seus construtores anônimos”. (SOUZA e ROSSI, 2012, p. 1036).

Rua Almisa Rosa é lembrada pelos seus moradores por ter sido, antes de receber a denominação de avenida, a primeira referência de agrupamento humano e espaço de convivência em grupos maiores de pessoas que deu sentido à organização social da vila de Nova Palmeira, no final do século XIX e decorrer dos meados do século XX.

Ao analisar os primórdios da cidade, é possível perceber que a casa, lida de forma singular, parece surgir antes da rua. Porém, quando as casas se aglutinam, são enfileiradas e assumem dimensões diversas, de usos e formas, agregadas a outras construções que se unem à paisagem, a rua emerge com elas. Assim, para Marshall Berman: “(...) de um lado, a rua age como um cenário para as fantasias das pessoas, fantasias daquilo que elas querem ser; de outro, a rua oferece o conhecimento verdadeiro — para os capazes de decodificá-la — daquilo que as pessoas verdadeiramente são”. (1986, p. 188).

Seja grande ou pequena, larga ou estreita, a rua é construída, lida e reconfigurada a partir das impressões de seus moradores, enquanto agentes do cotidiano: jovens, adultos, idosos ou crianças, que dão sentido a ela por meio dessas práticas diárias de organização, convivência, ordenamento e recriação dos espaços dentro desta dimensão física. Por isso, "(...) rua e a casa se reproduzem mutuamente, posto que há espaços na rua que podem ser fechados ou apropriados por um grupo, categoria social ou pessoas (...)". (DA MATTA, 1997, p 51).

Das ruas, interessa analisar a composição externa das casas, suas traduções estilísticas, funcionais e suas tradições. No campo da história, a casa e a rua assumem dimensões discursivas com fronteiras borradas e complexas. Portanto, é de se esperar que, ao estudar cidades, sejam encontradas referências sobre casas e ruas, usos dos espaços, composições funcionais, estilísticas e afins, mesmo que estejam, às vezes, dissolvidas em publicações com outros propósitos e em áreas diversas.

O próximo exercício será estabelecer diálogos construtivos entre história e arquitetura. Isso é possível porque, "(...) as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto hábitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto". (ROLNIK, 2004, p. 17). Contudo, não com o intuito de recriar uma história da arquitetura de um lugar, mas problematizar a relação a coexistência das suas áreas no espaço em investigado, frequentemente percebida de maneira silenciosa e discreta. Assim, observa-se como a condição de ser cidade pequena constrói a paisagem urbana ao longo do tempo e como está refletido nas fachadas das construções.

## A ARTE DECORATIVA (ART DÉCO) NO COTIDIANO SERTANEJO DE CIDADE PEQUENA

Cidade pequena. Define-se pelos inúmeros contextos produzidos historicamente e pelas múltiplas formas de movimentos sociais que assumem condutas diferentes dos centros urbanos classificados como médios e grandes, demarcando-se pelas interferências do tempo e por indicadores de espaços e limites geográficos em proporções menores e menos povoadas. Fatores econômicos, entre outros, são considerados condições que definem um progresso marcado pelo tempo e pela vida social orientada por passos lentos.

Na cidade pequena, o dia e a noite são vivenciados de forma diferentes em relação à cidade grande. Esse tempo acelerado, ativo e agitado nos grandes centros, não é percebido com a mesma intensidade e intencionalidade na cidade pequena. Por isso, pondera Endlich:

O conceito de pequenas cidades é daqueles de difícil elaboração. As localidades assim denominadas oferecem elementos para se discutir não só o conceito de pequenas cidades como o próprio conceito de cidade, pois nelas são avaliados os qualificativos que devem compor o limiar entre a cidade e a não cidade. As pequenas cidades são localidades em que tais requisitos se apresentam ainda com patamares mínimos. (2006, p. 85).

Mesmo com algumas exceções, no caso de Nova Palmeira, como exemplo para entender a vida em cidade pequena, os sistemas fabris, quase sempre de pequeno porte ou médio, e as prestações de serviços consolidam regras próprias de funcionamento. Fala-se em impressões da chegada do moderno nas últimas décadas que regimentam a vida em sociedade ainda alinhada aos antigos moldes de organização e que são típicos em cidades pequenas, porque a pressa e a aceleração do tempo costumam ser substituídos por tipo de qualidade de vida não observada nos centros industriais e comerciais de maiores dimensões.

Além disso, o cumprimento de serviços a outras instâncias não exige sair de casa mais cedo, pois não há congestionamento de trânsito em nenhum turno do dia; Nada funciona por 24 horas por dia, todos os dias da semana, nem assistência ambulatorial, e as pessoas são majoritariamente diurnas; Os comércios e outros serviços fazem uma pausa no "horário de almoço" e retomam as atividades posteriormente, sem que haja prejuízos e desconfortos, já que os moradores estão habituados a essa rotina. No espaço urbano, não há longos percursos que não possam ser alcançados em poucos minutos de caminhada, e as pessoas se conhecem com tamanha familiaridade, que é natural o nome, a linhagem familiar, a rua e o setor onde moram, além das ocupações diárias de outras pessoas.

Assim, a cidade pequena vai além de sua dimensão geográfica. Ela pode ser entendida pela complexidade de suas redes de articulação interna e pela inventividade resultante da atuação de seus agentes sociais e do ritmo empregado na vida em sociedade. É importante ressaltar que, além dessas características, os limites e as práticas entre o urbano e o rural frequentemente se entrelaçam, dificultando ou até confundindo suas fronteiras.

Diante disso, como o ritmo pacato de vila e depois distrito<sup>ii</sup> e o movimento da vida em sociedade pequena, percebidos no interior do estado da Paraíba, podem interferir e ser reinterpretados em uma arquitetura vernacular influenciada por estilos arquitetônicos originários de outros países, remontada no século passado? Que estilo arquitetônico se revela nas platibandas<sup>iii</sup> daquelas fachadas que atravessaram marcas do século XX, permanecendo despercebidas e discretas entre moradores(as) e passantes da Rua Almisa Rosa?

*Art déco*. Termo tomado como referência a partir da Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas realizada em Paris, na França, em 1925. Essa tendência teria influenciado diversas expressões artísticas pela Europa e na América. No entanto, na arquitetura, o *art déco* ganhou notoriedade apenas com a exposição Les Annés 25, realizada em Paris, no Museu de Artes Decorativas, em 1966. Para Correia, é importante entender o *art déco*:

Pouco conhecida e valorizada, a arquitetura que incorpora tendências *art déco* tem visibilidade desproporcional à sua presença, ainda muito forte, no cenário urbano brasileiro. É freqüente encontrar-se ausente do programa de cursos de arquitetura. Pouco pesquisada, não há consenso – a começar pela própria designação – entre os que se dedicam a abordar a produção arquitetônica que pode ser a ela vinculada. (2008, p. 47-48).

Ainda assim, existem os problemas atuais em identificar uma obra, construção ou designer puramente *déco*, levando em consideração o que se entende por arquitetura *déco*, visto que ela engloba uma variedade de formas e, no caso de um imóvel, pode ser notada a associação com outras vertentes arquitetônicas<sup>iv</sup> de forma simultânea. O *art déco* parece ser um estilo artístico adaptado e adaptável às várias classes socioeconômicas, devido a sua flexibilidade e capacidade de estar representado nos vários elementos decorativos ao longo das décadas. Além de decorar, trata-se de um estilo pensado para atender de forma democrática a todos os públicos. Assim, hoje se observa a influência do *art déco* em:

(...) pinturas, esculturas, prédios, móveis, rádios e objetos, o gosto *déco* está vinculado a um conjunto de manifestações artísticas que se propagou a partir dos anos vinte e viveu seu apogeu na década de 1930. Na arquitetura, recebeu impulsos do cubismo, do futurismo, do expressionismo e de outros movimentos das artes plásticas, ao mesmo tempo em que absorveu influências diversas de arquiteturas anteriores e contemporâneas. (CORREIA, 2008, p. 49).

Contudo, como identificar elementos da vertente arquitetônica *déco* nas casas modestas e pontos comerciais situados em diferentes espaços e temporalidades nas cidades interioranas? Compreende-se que os recursos que compõem o repertório formal do *art déco* na arquitetura podem ser percebidos nas marquises, balcões em balanço, colunas, frontões, capitéis, pilastras, platibandas, ornatos, vitrais e volutas que adotam formas geométricas (geometrismo) e esquemáticas, gradis, basculantes, padrões esquemáticos de cores na textura das superfícies, e outros.

Ao se voltar para o chamado *art déco sertanejo*, referência dada por Lia Monica Rossi (1984), professora e pesquisadora argentina, o termo remonta a um conjunto de itens representativos aplicados ao estilo básico das casas e casarios populares nordestinos, que adotaram em suas fachadas, por exemplo, configurações geométricas e adornos como elementos decorativos. Portanto,

(...) o surgimento do estilo é contemporâneo ao grande movimento moderno e à Bauhaus, nos anos entre-guerras. (...)o Art Déco chegou às grandes cidades brasileiras nas décadas de 1930 e 40 seguindo o fluxo do movimento modernista mundial. A partir daí se espalhou pelos subúrbios e pelo interior do país, onde vigorou até os 50. (SOUZA e ROSSI, 2014, p. 2).

No interior nordestino, as casas e outras construções em alvenaria, fachadas manifestadas em suas platibandas no *art déco*, não traduzem a magnitude do *art déco*, vivenciados em exemplos internacionais, como os conjuntos arquitetônicos de Miami, nos Estados Unidos, caracterizados pela presença rica de construções em mármore, estruturas em aço, metais e outros materiais que encarecem as edificações e agregam luxo.

Este outro tipo de *art déco*, de caráter regional, vernacular, mas também funcional e esteticamente agradável, foi adaptado por construtores locais, levando em consideração técnicas e materiais próprios, além das condições econômicas e influências culturais da região. Discretamente, anunciava uma vontade de modernidade ao esconder, por trás de estruturas e desenhos geométricos, os beirais dos telhados. Era, como apontado por Queiroz, um “desejo de refletir novos tempos e ritmos, mesmo que só através das fachadas”. (2008, p. 234).

Pelas fachadas, nota-se uma genuína criatividade regional, expressa por linhas retas, espirais e ziguezague, com a presença de formas retangulares, cilíndricas e prismas em recortes escalonados, mistos, angulares e paralelos, em figuras ora justapostas, ora sobrepostas, que disputam espaço de destaque com a porta e a(s) janela(s), enquanto marcas do colonial.

Em síntese, essas construções, em sua simplicidade particular e refletindo do estilo *art déco sertanejo*, traduzem não somente as condições socioeconômicas de seus habitantes, mas também as formas de viver de uma época. Portanto, no próximo eixo, são apresentados alguns exemplos da manifestação do estilo *art déco sertanejo* pontuados até aqui.

## AS CASAS E A RUA: PLATIBANDAS DA ALMISA ROSA

“O passado da arte e da arquitetura traduzidos em sinais retos e curvos, no limite (ou dentro) da abstração geométrica expressa em ícones de cal e cimento, em cor e luz nordestinas”. (Souza e Rossi, 2012, p. 1039). Em outras palavras, o que se revelará nas fotografias a seguir também é a expressão da arte, de um lugar nordestino e de um tempo distante, perceptível quando se observa atentamente aquelas fachadas. Certamente, foi pela cobertura dos telhados, como indicativo de uma tendência à modernidade, que a rua foi adsorvendo a mudança sem perceber.

Os telhados tradicionais da Rua Almisa Rosa, dos antigos casarios, foram construídos com técnicas admiráveis, apesar de rudimentares. Foram utilizadas madeiras locais e telhas de barro feitas manualmente para cobrir cumeeiras, às vezes, muito altas, com a intenção de proporcionar o esfriamento dos espaços. Possivelmente, esses pedreiros anônimos não possuíam a teoria da engenharia, mas eram, na prática, construtores habilidosos.

Hoje, é possível vê que na frente das casas, estão contidas identificações das posições sociais assumidas pelos seus primeiros moradores(as): quanto mais elementos geométricos e detalhes, maior era a condição socioeconômica. O inverso também se aplica. Assim, seguindo as características geométricas categorizadas por Souza e Rossi (2012), acompanham-se a seguir os exemplos:

Imagem 2- Prismas retangulares escalonados



Imagem 3- Linha quebrada escalonada e retângulo



Fontes: Registrada por Olindina Ticiane Sousa de Araújo, em 25 nov. 2024.

Os arranjos de elementos se comunicam por meio da simetria que acontece através de repetições, rotações, espelhamentos, combinações, entre outros. Na imagem 2, observa-se a presença de polígonos

sobrepostos repetidos em dois momentos e separados ao meio pela linha reta vertical. Percebe-se também que o prédio sofreu intervenções, como a aplicação parcial de cerâmica na fachada e na calçada. Já a imagem 3 apresenta uma platibanda marcada pela repetição de três retângulo. A fachada também foi modificada com a introdução de gradis atuais. Em ambos os exemplos, o contraste entre as cores permite observar com maior clareza os detalhes.

Imagem 4- Linha quebrada escalonada e losango



Fonte: Registrada por Olindina Ticiane Sousa de Araújo, em 25 nov. 2024.

A imagem 4 traduz o que um dia foi uma importante moradia. Os detalhes engrandecem a construção, apesar dos desgastes ocasionados pelo tempo e falta de manutenção. A aplicação em alto relevo dos retângulos justapostos, ao se tocarem formando um agrupamento, criam novas formas que marcam, nas pontas da platibanda, escalonamentos. O losangolo central possui bordas e o material interno tem aspecto texturizado. Externamente, é uma das poucas casas presentes na Rua Almisa Rosa que se mantém preservada desse a construção. Porta e janelas também são originais. A casa pertenceu ao ex-prefeito municipal Rivaldo Henrique da Costa.

Imagem 5- Retas paralelas, losango e entrelaçado



Fonte: Registrada por Olindina Ticiane Sousa de Araújo, em 25 nov. 2024.

A casa da imagem 5, atualmente, está fechada há anos. Ela possui uma interessante platibanda, mesclando a influência de mais de um elemento. As linhas retas na horizontal funcionam como um espelhamento e possuem a mesma estrutura de losangolo da imagem 4: bordas e material texturizado no centro. Do outro lado, os

elementos entrelaçados parecem estar enclausurados na forma do retângulo. Abaixo, nota-se a presença de linhas radiais formando um bonito desenho. Em ambos os lados, as linhas radiais se posicionam como espelhamentos. A fachada sofreu algumas modificações, como a presença de gradis nas janelas, a remoção da antiga porta, que era dividida em duas partes, superior e inferior, e a construção do beiral.

Imagem 6- Linhas quebradas escalonadas e retas paralelas



Imagem 7- Prismas triangulares e polígonos sobrepostos



Fontes: Registrada por Olindina Ticiane Sousa de Araújo, em 25 nov. 2024.

A imagem 6 exibe um painel quadrado com base em sobressalto, apesar do ângulo da fotografia causar outra impressão. Ele é formado por duas linhas em posição perpendicular e com espaços preenchidos por cristal rosa, um tipo de minério muito comum na região<sup>9</sup>. Mais da metade da fachada recebeu revestimento em cerâmica e as portas e janelas não são as mesmas. Já a imagem 7 é bastante curiosa e complexa de entender. Trata-se de prismas triangulares na posição vertical em repetição e justaposição, estando, portanto, sobrepostos à outra forma geométrica. A meia parede recebeu a aplicação de cerâmica, e a porta e a janela foram modificadas ao longo dos anos. Certamente, as formas triangulares e repetidas traduzem uma sensação de velocidade, que pode ser vista no efeito ziguezague, pois “velocidade” é uma palavra associada à concepção de modernidade, e se aplica bem ao estilo desta fachada na imagem 7.



Imagem 8- polígonos entrelaçados



Fonte: Registrada por Olindina Ticiane Sousa de Araújo, em 25 nov. 2024.

A frente da loja de artigos de decoração, sem maiores indicações, apresenta ao centro do pequeno imóvel um símbolo maior que não passa despercebido, apesar da predominância da cor cinza. O quadrilátero recebeu o entrelaçamento de triângulos, ora preenchidos, ora vazados, conduzindo a pequena fachada ao ar de graciosidade. Por outro lado, a incorporação de gradis atuais e porta em vidro produziram o contraste acentuado entre o tradicional e o moderno.

Por fim, no momento seguinte, a discussão tomará caminhos que pensam a história local através desses imóveis e a importância da manutenção dessas e outras fachadas da Rua Almisa Rosa a partir da criação de políticas voltadas ao patrimônio histórico material e a manutenção efetiva das fachadas.

## PATRIMÔNIO, HISTÓRIA LOCAL E POLÍTICAS DE PRESERVAÇÃO DAS FACHADAS

Primeiro, pensa-se patrimônio como uma palavra antiga vinculada a outros termos, como herança, jurídico, sociedade e estrutura familiar. Em *A alegoria do Patrimônio*, de Françoise Choay, a compreensão de patrimônio estaria "(...) requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico, etc.) que fizeram dela um conceito "nômade", ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante". (2006, p. 11).

Cria-se uma composição argumentativa onde permite realocar o conceito patrimônio sobre diferentes prismas e problematizá-lo conforme as demandas de teor representativo, de valorização e de intensões voltadas para políticas e classificações importância histórica mediante o levantamento de obras e obras-primas, trabalhos e produtos do saber humano apresentado como reflexo do tempo e da permanência material.

O patrimônio histórico representado pelas edificações, ponto de interesse desta discussão como categoria de exemplificação da vida em sociedade, evidencia, além disso, o passado comum de uma comunidade ou grupo, e corresponde à apresentação de recursos que legitimam, entre os seus, ou de maneira ampliada, a relevância social, econômica, intelectual, política, artística, cultural, dentre outros aspectos, de um passado que ultrapassou gerações em virtude da materialidade mantida pelas instituições e pelas mentalidades.

Importante lembrar: patrimônio histórico e monumento histórico passaram a assumir explicações divergentes e ambas não são lidas como sinônimo. Pode-se dizer que os monumentos históricos assumem a conotação de "comemorativos", embora também possam ser reconhecidos como patrimônios. Desta forma, segundo Le Goff (1992), o monumento é um sinal do passado e o seu sentido busca atingir a perpetuação voluntária em torno de uma memória.

Torna-se um exercício quase impossível não conectar patrimônio à memória coletiva, independentemente do objeto analisado. Pois, segundo Maurice Halbwachs, “Não é na história apreendida, é na história vivida que se apoia nossa memória”. (1990, p. 60). Assim, como não há a capacidade de retorno integral ao passado, as fachadas testemunham o que foram um dia e buscam se fazer visíveis entre as transformações do tempo.

De antemão, ao problematizar o lugar da memória nas sociedades recentes, percebe-se que a memória passou a ser vivida com menor intensidade em seu interior, exigindo a “(...) necessidade de suportes exteriores e de referência tangível de uma existência que só através dela vive”. (NORA, 1993, p. 14).

Certamente, o centro da cidade, onde estão contidas as fachadas em análise, não se enquadra como lugar de memória, pois os usos feitos desses espaços não se aplicam aos domínios do simbólico e funcional tão caros aos lugares de memória. Além disso, não é percebida a vontade de memória nesses imóveis, conforme as condições características ponderadas por Nora (1993).

Em contrapartida, a função desempenhada ao avaliar os valores históricos e as impressões arquitetônicas de uma época aponta os indicativos da importância dada e merecida à história local da cidade, e como as marcas do passado e de seus sujeitos reverberam a partir das ressonâncias realizadas entre o presente e o passado, alinhando tais indicativos à manutenção de sua historicidade e ao valor de uma cidade que resiste aos efeitos do tempo e das mudanças empregadas por seus agentes sociais.

A história local desperta em seus habitantes o sentimento de pertencimento e agrega a quem pesquisa a noção aplicada de redução na escala de observação, não apenas pelo objeto, mas também pela dimensão de lugar/local observado, dando compreensão à subjetividade, às relações de afetividade e identidade transitáveis entre escalas regionais e locais, respectivamente.

Assim, a ideia de observar a historicidade por meio das edificações do século passado, em Nova Palmeira, está pautada “(...) no sentido de que o ‘local’ implica aqui uma referência a uma cultura ou política local, a uma singularidade regional, a uma prática que só se encontra aqui ou que aqui adquire conotações especiais a serem examinadas em primeiro plano”. (BARROS, 2022, p. 26). Logo, exige-se a manutenção da memória e a composição da história local por meio das marcas do passado anunciadas sob a Rua Almisa Rosa, que notoriamente precisam ser (re)vistas, também, pelas políticas patrimoniais de valorização e manutenção das construções urbanas que recontam parte da formação da cidade.

Por este viés, apontam-se as modificações no centro da cidade. Demolições integrais têm marcado o cotidiano e se tornado invisível à gestão pública pela ausência de legislação municipal, mesmo que exista, em instância federal<sup>vi</sup>, uma condução legal para a aplicabilidade da preservação dos imóveis históricos<sup>vii</sup>. Utiliza-se, aqui, a condição de preservação das fachadas para evitar a presença ou reprodução dos falsos históricos.

Em contrapartida, ao desenvolver o sentimento de valor histórico sobre um bem material, a intenção primeira não está na desapropriação do imóvel, mas no sentido de valorizá-lo em sua estrutura, pelos muitos elementos decorativos e significados, assim como pelo teor de historicidade e tempo que carregam silenciosamente em suas condições.

Portanto, vê-se antigos espaços se transformarem em prédios maiores e mais altos, com fins comerciais na maioria dos casos, ou se encontram abandonados pelos proprietários, apresentando estruturas comprometidas. Tais manifestações se comportam como marcadores de uma nova geração, não havendo quaisquer questionamentos ou incômodos por parte de qualquer segmento da sociedade em relação às mudanças e suas consequências, por se tratarem de bens particulares.

Vejamos alguns exemplos:

Imagem 9 e 10- Parte externa e interna da igreja de Nossa Senhora da Guia. Ao lado da igreja, casa paroquial. (Antes).



Fonte: Google imagens. Acesso em 19 nov. 2024.

Imagens 11,12 e 13- Parte interna, externa e local onde ficava a casa paroquial. (Depois).



Fonte: Fotografias registradas por Olindina Ticiane Sousa de Araújo, em 25 de nov. 2024.

A antiga igreja de Nossa Senhora da Guia apresenta elementos do *art déco sertanejo*, com superfície de referência com característica de polígono irregular, embora não haja símbolos enclausurados na parte interna, seguida por uma moldura poligonal em várias partes. A marquise, os vitrais coloridos, as formas geométricas em retângulo (preenchida e vazadas) na torre do sino e os basculantes reafirmam a influência do *art déco sertanejo* em sua estrutura, posto que se trata de um arquitetura vernacular e tipicamente sertaneja. Conforme as imagens 11, 12 e 13, mudanças repentinas marcaram a atual condição do prédio religioso, após a edificação de um novo templo católico. A casa paroquial foi demolida. Ela possuía elementos decorativos do *art déco sertanejo* e, hoje, em seu lugar, encontra-se um terreno baldio.

Outro exemplo é o antigo salão paroquial. Este prédio é de propriedade privada e encontra-se apenas com as paredes de pé. O telhado caiu, e nada foi feito para evitar maiores perdas em relação à fachada.

Vejamos abaixo:

Imagem 14- Fotografia de 2014.



Fonte: Google imagem. Acesso em: 19 de nov. 2024.  
em 25 de nov. 2024.

Imagem 15- Fotografia de 2024.



Fonte: Fotografia registrada por Olindina Ticiane Sousa de Araújo,

As imagens 14 e 15, além dos efeitos do tempo, representam os usos dados às paredes nos últimos anos. De um lado, observa-se a propagando eleitoral de campanha municipal, e, de outro, a marca de uma das copas do mundo.

A antiga casa paroquial, local que acolheu reuniões importantes, comitê político, e foi espaço de festas e velórios, mantêm em sua fachada pilastras com moldura e acabamento. As platibandas acompanhou a forma do antigo telhado e a sequência de linhas retas em repetição diagonal está presente nas três fases. O salão paroquial é histórico não só pela fachada, como pela imensidade de memórias em torno deste lugar.

Por último, “a casa de Bento”, com parte do telhado caído, ainda assim continua evidente nos detalhes da parte externa.

Nota-se a seguir:

Imagem 16- Platibanda da casa de Bento



Fonte: Fotografia registrada por Olindina Ticiane Sousa de Araújo, em 25 de nov. 2024.

O ângulo da imagem prioriza a intenção de alcançar alguns detalhes, mas também é resultado da impossibilidade de fotografar de frente pela existência de árvore algaroba, cuja copa, pelo seu tamanho, ocupa uma parte significativa da fachada. Mesmo assim, os ornatos não passam despercebidos ao elevar a cabeça, já

que a construção, entre as antigas, tem o alicerce mais alto. A platibanda também é uma das maiores da rua e a mais rica em detalhes. A casa pertenceu a Tomas Martins de Medeiros (Tomas Lourenço), proprietário de muitas terras em Nova Palmeira, e foi repassada como herança à família do ex-prefeito municipal Bento Coelho Dantas, que era seu genro. Hoje, a casa está desocupada, necessitando de muitos reparos.

Destarte, observa-se nessas estruturas antigas a presença de formas geométricas, cores, estilos artísticos, a relação com a época e os elementos do lugar, identificando historicidade no que há de discreto e simples presente na arquitetura dos imóveis como se pudesse pensá-los, também, enquanto um registro/mural da vida social, econômica e cultural em questão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas daquelas antigas construções, que remetem aos primeiros anos de vila e distrito, se mantêm de pé com esforços. Entretanto, certamente, algumas edificações foram vítimas de alterações, a exemplo da incorporação dos beirais, substituições de portas e janelas, implantação de gradis modernos, cerâmicas e texturas diferentes nas fachadas, além das modificações na parte interna das moradias ou na transformação de moradias em pontos comerciais, além das demolições e a depredação dos basculantes da antiga igreja, como visto anteriormente.

Entendem-se, tais intervenções humanas, como reflexos do tempo, da mentalidade e da ausência visível de políticas de valorização da própria história local e dos bens materiais que poderiam ser patrimônios do lugar e do seu povo. Não se fala, sob quaisquer condições, em desapropriação dos bens imóveis, mas em preservação da história local, em cuidado com a história e a memória que resistem com dificuldade e facilmente podem se tornar mais invisíveis pelos seus habitantes.

De fato, é perfeitamente viável a conexão entre o presente (os agentes históricos do momento) e o passado (as memórias coletivas e individuais) em um mesmo tempo-espaço. Ou seja, é possível usar os espaços antigos e reconhecê-los como importantes em igual medida, desde que isso aconteça de forma segura e responsável.

Nessas construções, as descaracterizações sofridas a alguns imóveis, devido às interferências humanas, priorizaram economia na manutenção dos imóveis, conforto e/ou adaptações aos estilos arquitetônicos mais atuais. São interferências pequenas, mas, quando repetidas muitas vezes, começam a transformar de forma rápida e violenta as marcas do passado, fazendo os outros se esquecerem dele.

Por isso, a importância de reconhecê-los como parte da história urbana da cidade, por meio de intervenções legais do próprio município, pautadas na valorização, manutenção e implantação do ensino de história local no currículo escolar e para além dele, como uma tentativa exitosa de despertar o sentimento de pertencimento e identidade entre todas as gerações de nova-palmeirenses.

## REFERÊNCIAS

BARROS, José D' Assunção. História local e história regional: a historiografia do pequeno espaço. **Revista Tamoios**. São Gonçalo-RS. V. 18, n. 2, jul-dez, 2022, p. 22-53. Disponível em: [Histria\\_Local\\_e\\_Histria\\_Regional\\_-\\_a\\_historiografia\\_do\\_pequeno\\_espaço.\\_Tamoios.pdf](#) Acesso em: 23 nov. 2024.

BERMAN, Mashell. Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade. Tradução de Carlos Filipe Moisés e Ana Maria L, Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 5ª ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CORREIA, Telma de Barros. Art déco e indústria Brasil, décadas de 1930 e 1940. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.16. n.2. p. 47-104. jul.- dez 2008. Disponível em: [Art\\_deco\\_e\\_industria\\_Brasil\\_decadas\\_de\\_1930\\_e\\_1940.pdf](#) Acesso em: 19 nov. 2024.

DAMATTA, Roberto. Espaço: Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In: **A casa e a rua**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 1997.

ENDLICH, Angela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná**. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, SP: Revista dos tribunais, 1990. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod\\_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf) Acesso em: 23 nov. 2024.

LE GOFF, Jaques. Monumento/Documento. In: **História e memória**. Tradução: Suzana Ferreira Borges. 2ª ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1992.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

QUEIROZ Marcus. Vinicius. Dantas. **Quem te ve não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950)**. Dissertação (Mestrado): Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, E.E. de S. Carlos, USP, 2008.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROSSI, L. M. (1984). Art Déco Sertanejo: manifestações arquitetônicas e decorativas nordestinas. Seção 08-A.2 . Resumos, **36º Reunião Anual SBPC**, USP: São Paulo. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/sertanejo-art-deco-analytical-proposal-for-syntactic-and-morphological-analysis-of-geometric-elements-from-northeast-popular-facades-8784> Acesso em: 18 nov. 2024.

SOUZA, José Marconi Bezerra; ROSSI, Lia Monica. Arte Déco Sertanejo: inspiração para o design brasileiro? **Anais do X Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Luiz: EDUFMA, 2012, p. 1033-1052. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/312921600\\_Art\\_Deco\\_Sertanejo\\_uma\\_inspiracao\\_para\\_um\\_design\\_brasileiro](https://www.researchgate.net/publication/312921600_Art_Deco_Sertanejo_uma_inspiracao_para_um_design_brasileiro) Acesso em: 15 nov. 2024.

---

<sup>i</sup> Em Nova Palmeira não existe a referência de bairro e o CEP é único (58.184-000). Nos endereços para correspondências, quase todas as citações em bairro é dita como centro, e os pontos de referência se aplicam as áreas de residência pelos setores que não assumem características de bairro. O que não é central, é espaço urbano lido como conjunto habitacional. Exemplo: Conjunto Boa Esperança, Conjunto Mariz, Conjunto Bento Coelho e outros. São áreas periféricas. Hoje, bastante povoadas, mas que, em primórdios, foram áreas de construções habitacionais advindas de programas sociais do Governo Federal.

<sup>ii</sup> A área que corresponde, hoje, ao espaço urbano de Nova Palmeira teria iniciado o seu povoamento no final do século XIX, com a implantação da fazenda Gerimum. Mesmo já sendo possível falar em outros agrupamentos humanos nos arredores, a exemplo do sítio Mello, Papa-fina, Corujinha e outras. Entre 1926-1929, na gestão de Manoel Sousa Lima, prefeito de Picuí-PB, realizou a doação de mudas de palmeira para o vilarejo. O ato parece ter induzido na definição do nome do lugar e a vila de Nova Palmeira teria ficado nas dependências de Picuí até 1959, quando foi desmembrada e levada a categoria de distrito de Pedra Lavrada-PB.

<sup>iii</sup> Estrutura que esconde o telhado, criando uma fachada limpa.

<sup>iv</sup> É possível perceber em fachadas de casas espalhas pelo interior do nordeste brasileiro, conforme os estudos de Souza e Rossi (2012), a multiplicidade de estilos arquitetônicos coexistindo em uma mesma "tela", a exemplo de vertentes do neoclássico, colonial, moderno, eclético e outros, misturadas às técnicas vernaculares de construções adotadas pelos construtores anônimos locais.

<sup>v</sup> Além da agricultura, pecuária e prestação de serviços, Nova Palmeira tem sua economia local fortalecida na extração mineral há muitas décadas.

<sup>vi</sup> Consultar: Constituição Federal de 1988, artigo 216, §1º; decreto lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 e lei 7.347/85, outros.

<sup>vii</sup> Neste caso, pensa-se na preservação das fachadas, posto que modificações internas já foram realizadas em muitas propriedades, visando alargamento de espaços, construções de cômodos e implantação de materiais para o conforto, a exemplo de forros e pisos em cerâmicas. Quase todas as residências são habitadas e os pontos comerciais recebem o trânsito de pessoas em decorrências das atividades de venda.